

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR

RENATA LOUBACK DE OLIVEIRA

PAJELANÇA: UMA PRÁTICA DE CURA

Juiz de Fora

2016

Renata Louback de Oliveira

PAJELANÇA: UMA PRÁTICA DE CURA

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Programa de Pós-graduação
em religiões e Religiosidades Afro-
Brasileira: Política de Igualdade Racial em
Ambiente Escolar da Universidade Federal
de Juiz de Fora, sob orientação do Professor
Doutor Julio Eduardo dos Santos Ribeiro
Reis Simões.**

Orientador: Dr. Julio Eduardo dos Santos Ribeiro Reis Simões.

Juiz de Fora

2016

Imprimir na parte inferior, no verso da folha de rosto a ficha disponível em:
<http://www.ufjf.br/biblioteca/servicos/usando-a-ficha-catalografica/>

Renata Louback de Oliveira

Pajelança: uma prática de cura

Artigo apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, especialização – Religiosidades afro-brasileiras: políticas de igualdade em ambiente escolar, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do título de especialista em religiosidades afro-brasileiras.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Dr. Julio Eduardo dos Santos Ribeiro Reis Simões - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Titulação. Nome e sobrenome
Universidade Federal de Juiz de Fora

Titulação. Nome e sobrenome
Universidade Federal de Juiz de Fora

Aqui ressaltamos que, ao fazer esse mergulho nos primeiros registros da pajelança, não buscamos a origem dessa prática, até porque o antropólogo em suas investigações sobre o “passado”, não estuda o tempo em si mesmo, mas as transformações sócias vivenciadas num determinado espaço histórico a fim de discorrer sobre o “fluxo do discurso social”
(GEERTZ,1978, p.32)

RESUMO

Este artigo debate questões relacionadas à Antropologia da Religião e a Historiografia sobre a saúde no Brasil, criando uma conexão entre as duas áreas por meio do contexto religioso. Utilizaremos para isso uma discussão mais ampla sobre estado e sociedade na qual a questão da diversidade cultural se apresenta a partir das representações religiosas, falaremos sobre algumas noções de religião de matriz afro brasileiras. Assim adotaremos como objeto de estudo as práticas de cura dos cultos religiosos da Pajelança e sua relação com a sociedade.

Palavras chave: Pajelança, práticas de cura, religião.

ABSTRACT

This article discusses issues related to Anthropology of Religion and Historiography on health in Brazil, creating a connection between the two areas through religious context. We will use a broader discussion about state and society in which the issue of cultural diversity presents itself from the religious representations, we will talk about some notions of Afro Brazilian religion. Thus, we will adopt as a study objective the healing practices of the religious cults of Pajelança and their relationship with society..

Keywords: Pajelança, healing practices, religion.

LISTA DE TABELAS

Tabela1 – Plantas medicinais.....	19
-----------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	Relações históricas da cura nas religiões afro-brasileiras	11
2.1	Raiz histórica da pajelança.....	15
2.1.1	Plantas que curam	18
2.1.1.1	<i>Considerações finais</i>	20
	REFERÊNCIAS	21

1. Introdução

A discussão sobre os cultos religiosos de matriz africana no Brasil em especial ao a religião da pajelança é muito centrada em uma análise mais voltada a herança indígena dessa religião. Essa visão vem sofrendo algumas transformações no decorrer dos anos, devido principalmente a revisões antropológicas¹ e historiográficas² que reconhecem a importância de um estudo mais voltado a questões socioculturais para compreensão mais profícua de relação entre os indivíduos e as religiões de matriz afro brasileira. Uma das perspectivas que vem permitindo uma nova abordagem sobre essa questão do estudo da antropologia da saúde³, a qual traz a abordagem da doença e cura com a religiosidade popular analisando o papel da religião para as enfermidades em relação ao contexto social de determinadas comunidades. No Brasil esses estudos estão mais orientados sobre as crenças e praticas terapêuticas, embora alguns trabalhos abordem diferentes teorias na área da saúde. Diante disso, este artigo trata de apontar uma revisão historiográfica sobre as praticas de cura religiosa da pajelança.

De modo geral o trafico de africanos⁴ para o Brasil acarretou em uma grande ruptura nas tradições culturais e religiosas, os africanos escravizados sofreram profundas perdas em relação aos seus descendentes no Brasil, a primeira pode ser analisada em relação à perda da sociedade, sua cultura agora passa a ser de um grupo dentro da sociedade Brasileira ela perde sua totalidade. Essa redução também pode ser vista em relação a sua religião, a partir daquele momento os africanos se encontraram em uma sociedade que não e dividida por etnias, o

¹Dentre as diversas escolas de antropólogos que pesquisam o viés religioso podemos citar alguns: das escolas de antropologia cultural e antropologia social: James Frazer, Edward Barnet Taylor, Bronislaw Malinowski, Edward Evan Evans-Pritchard, Roger Bastide; da escola estruturalista: Claude Lévi-Strauss; da escola simbólica: Clifford Geertz e Victor Turner; e das escolas fenomenológicas: Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye, Gerardus van der Leeuw, Friedrich Heiler, Gustav Mensching, Kurt Goldammer, Günter Lanczkowski, Geo Vindengren.

²Ver: FIGUEREIDO, Betânia Gonçalves. A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. 252 p. ISBN: 85-87009-08-7; CALIXO, Juliana Sena. RIBEIRO, Eduardo Mag. O Cerrado como fonte de plantas medicinais para uso de moradores de comunidades tradicionais do alto Jequitinhonha. UFLA; POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro, vol. 5. nº10. p. 200-212, 1992.

³ O desenvolvimento da Antropologia da Saúde ou Médica é relativamente recente no mundo acadêmico. No entanto, essa disciplina tem apresentado nas últimas décadas um alto índice de crescimento. Tem não apenas despertado interesse por parte dos diversos tipos de profissionais da saúde como também sido reconhecida em diferentes instituições de ensino e pesquisa. Esse fato pode ser evidenciado pela vasta produção de livros e revistas publicados principalmente nos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e França. ALVES, Paulo Cesar (org.) Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. pg.9.

⁴ Trafico negreiro: atividade legal de comércio, extremamente rentável, realizada por comerciantes das grandes potencias europeias, na época da expansão marítima. Consistia no traslado e comercialização de indivíduos de diversas regiões do continente africano para as colônias da Afro-Americana. O africano era retirado de seu espaço natural, vendido como mercadoria e utilizado como força de trabalho básica na agricultura, engenhos, mineração e demais atividades coloniais. BOTELHO, Angela Vianna. Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império. - 4 ed. Belo Horizonte: Autentica 2003 p.177

pertencimento a um grupo agora passa a ser outro, o indivíduo passa a ter uma posição mais importante a partir daquele momento.

Com isso a religião também perdeu um aspecto importante da sua origem africana, a sua ligação com sua etnia, e também houve perdas em relação ao conteúdo dessas religiões, por ser uma religião transmitida de forma oral, o culto dos antepassados africanos não obteve a mesma importância que tinham na África. Porém o culto aos orixás não perdeu a sua relevância, mas perderam-se partes desse culto e outras foram ressignificadas (ou adaptadas) pelos descendentes Africanos no Brasil. Assim o desenvolvimento dessas religiões dentro desse novo contexto foi influenciado por diversos fatores, nesse processo no qual surgiram as religiões afro brasileiras, mesmo com a perda de elementos religiosos, houve adaptações e surgiram novos elementos teórico-religiosos que fizeram com que essas religiões se fortificassem e se adaptassem a sua nova realidade.

Após analisar as relações históricas da matriz africana no Brasil irei confrontar um tema muito caro e que ainda tem uma lacuna na academia que é o estudo das práticas de cura advindas das religiões de matriz africana em perspectiva, nos cultos da pajelança.

Assim sendo, o objetivo central deste trabalho é construir uma análise dos discursos e das práticas de cura da religião da pajelança e quais foram os aspectos histórico-sociais que contribuíram para a consolidação dessa prática de cura nos cultos da pajelança. Entendemos que é comum que as pessoas recorram a práticas populares de cura (benzeduras, simpáticas, etc.) uma vez que essas práticas representam um aspecto tradicional das religiões brasileiras, que correspondem em sua maioria a uma herança das culturas negras e indígenas vindas desde o período colonial, porém esses saberes de cura foram colocados um pouco de lado desde as políticas sanitárias no início do século XX.

Com isso o estudo mais aprofundado de um estudo de caso das práticas de cura, nos auxiliará na compreensão sobre essa religião e sua importância social nos pontos mais remotos do país, como exemplo, a Amazônia e o Maranhão.

2. Relações históricas da cura nas religiões afro-brasileiras.

Esse trabalho irá realizar uma abordagem histórica e antropológica que vai nos permitir revisar os estudos da história das religiões Afros brasileiras em especial as práticas de cura da religião da pajelança. Iremos analisar alguns focos de pesquisa que tratam sobre esse tema que ainda é pouco expressivo nos estudos acadêmicos. Assim procuraremos abordar como essa religião se desenvolveu e qual a sua importância simbólica e social para as populações que utilizam sua prática para benefícios de cura e espirituais.

Inicialmente, realizaremos uma revisão bibliográfica de textos especializados em história da religião Afro-brasileira em no qual abordaremos uma concepção de cura nas religiões advindas da África e transformadas a realidade brasileira. Analisando essa questão em uma perspectiva historiográfica chegamos à conclusão de que a poucos trabalhos historiográficos sobre o tema, pois a cura na religião “perdeu sua relevância para a História enquanto Ciência Humana, [...] uma vez que as fontes de que se dispõem são, a bem da verdade, majoritariamente escritas por nativos”⁵, assim podemos averiguar que a própria academia impõe um obstáculo no aperfeiçoamento dos estudos histórico das religiões, com isso a Antropologia acabou avançando mais nos trabalhos sobre essa temática.

No campo acadêmico chamamos a história como um domínio de conhecimento, a história da religião era uma linha de pesquisa que ao longo do tempo se configurou como uma disciplina específica, ela começou a se estruturar durante século XIX, e seu objetivo era pesquisar as práticas e costumes das sociedades ditas naturais e como era a funcionalidade desses grupos ditados pela sociedade europeia como primitivos. No final do século XIX com o nascimento da Sociologia o campo de pesquisa religioso iria se beneficiar pelo estudo do papel social da religião nas diversas sociedades.

Com o passar do tempo o campo de estudo da religião foi se transformando e no Brasil isso não foi diferente, muitas pesquisas realizadas aqui por muito tempo mantiveram um olhar mais sociológico⁶, além de culparem muitos desses grupos sociais pelas crises sócio políticas do país. Um trabalho que foi pioneiro na abordagem historiográfica da contribuição das práticas populares religiosas foi à pesquisa de Laura de Mello e Souza, *O diabo e a terra de Santa Cruz*⁷, a autora traz contribuições culturais dos negros e índios, além do folclore europeu e práticas fornecidas pelos cristãos novos⁸ para a formação da religião brasileira. Hoje em dia existem diversas pesquisas no campo religioso, o que mostra como e rico e instigante esse tipo de pesquisa.

O conhecimento histórico tem como base a construção dos grupos sociais, entendemos que os africanos que chegaram a partir do tráfico negreiro, trouxeram sua cultura e seu

⁵ALVES, Robson Medeiros; LOPES, Marcelo. A cura nas religiões: uma visão histórica panorâmica. *Religare*, v.11, n.2, p.296-316, 2014, p.299 e 300.

⁶ Ver: Maria Isaura Pereira de Queiroz; Rui Facó, *Cangaceiros e fanáticos*; Roger Bastide; Gilberto Freyre, *Casa Grande e Sezala*.

⁷ SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Cia das Letras, 1986

⁸ **Cristão-novo** era a expressão utilizada para categorizar os judeus recentemente convertidos ao cristianismo. O termo tinha diversos significados dependendo das nações em que era empregado. Na Espanha, por exemplo, o cristão-novo era chamado de marrano, que, em português, significa porco. Neste caso, configura-se uma das primeiras formas de anti-semitismo declarado da História. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/religiao/cristao-novo/>>. Acesso em 06/01/2017

conhecimento religioso. Porém no início da colônia o conhecimento científico e intelectual vindos da Europa negava a existência de uma cultura e religião Africana. E muitas teorias raciais começaram a apontar trazendo um significado negativo ao povo negro. Esses estereótipos criados pelos colonizadores excluíram qualquer tipo de entendimento sobre a cultura africana. Por isso houve grande repressão dos colonizadores as manifestações das religiões ditas afro-brasileiras.

Durante a escravidão essa culturas africanas tiveram que se utilizar de mecanismos de autodefesa para conseguir sobreviver nesse novo contexto de opressão. Em relação a sua cultura religiosa houve uma mudança em relação ao modo que se impôs nessa sociedade, já que a religião africana era proibida e vista como impura em relação à igreja católica. Nesse contexto segundo Roger Bastide:

Apesar das condições adversas da escravidão, misturando as etnias, fragmentando as estruturas sociais nativas, impondo aos negros novo ritmo de trabalho e novas condições de vida, as religiões transportadas do outro lado do atlântico não estão mortas. [...] A religião, ou religiões afro-brasileiras foram obrigadas a procurar nas estruturas sociais que lhes eram impostas, "nichos", por assim dizer, onde pudessem se integrar e se desenvolver. Deviam se adaptar a novo meio humano e nessa adaptação não se iria processar sem profundas transformações da própria vida religiosa. Tornava-se necessário encontrar ente as superestruturas _outrora em conexão com a família, com a aldeia, com a tribo _ e as novas infraestruturas _ a grande plantação ou centro urbano, a escravidão e a sociedade de castas hierarquizadas e dominadas pelos senhores brancos _ laços ignorados, forma passagem inéditas, encarando-se no corpo social, e este, por sua vez deixando-se penetrar por esses valores diferentes, como modelos ou normas.⁹

Os modos de transmissão de conhecimentos realizados na África eram feitos de forma oral, por isso houve várias mudanças e sincretismos na construção de uma identidade religiosa afro-brasileira. Essa identidade foi construída ao longo do tempo, e ela ocorreu a partir de elementos da cultura africana com a brasileira, devido principalmente a intensa miscigenação em todas as regiões do país. Os descendentes africanos utilizaram do sincretismo para fugir da perseguição do “homem branco.”

Já na década de 80 há uma quebra nesse sincretismo, com uma tentativa de se constituir a identidade afro-brasileira, “quando os grandes terreiros da Bahia decidiram definir sua religião através da ruptura com o sincretismo buscando uma forma própria se

⁹ BASTIDE, R, 1971, p.85 apud MOURA, C. 1999 , p. 37.

caracterizar”¹⁰, isso foi o ponto de partida para a definição identitária, nesse momento a umbanda passou a ser desvalorizada em relação ao candomblé, pois ele manteve as raízes áfricas diferente da umbanda que se associou ao espiritismo.

Com essa nova realidade, houve grande interesse da academia em estudar esse novo movimento dos terreiros, a respeito dos manifestos que estavam sendo divulgados com o objetivo de instituir a identidade religiosa afro-brasileira. Assim:

Durante muito tempo a pesquisa nos terreiros estava demasiadamente preocupada com a procura de uma ‘pureza africana’, tentando identificar casas antigas, que permanecessem fieis as tradições originais. Como reflexo desta atitude, os próprios líderes religiosos se preocuparam até hoje em reencontrar ou descobrir uma ortodoxia perdida, uma pureza clássica original. Consta-se que as religiões afro-brasileiras quanto africana e que a pureza perdida é mais um mito. (FERRETTI, 1992, p.11 apud SILVA,T, 2009, p.3 e 4)

Essa reflexão nos mostra que o estudo sobre a escravidão e sobre os descendentes afro-brasileiros não esta em uma configuração homogênea, a ruptura que ocorreu com o sincretismo ocorreu devido a uma negação do outro, dessa raiz católica. Na verdade é como essa realidade católica influenciou na perda da dita pureza Africana o que acabou por dificultar a formação de uma identidade para os povos afro-brasileiros.

De modo geral o trafico de africanos para o Brasil acarretou em uma grande ruptura nas tradições culturais e religiosas do povo africano, e seus descendentes sofreram profundas perdas no que carece a sua identidade. A primeira perda que podemos analisar e a sua relação com a sociedade, que não passa a ser mais a mesma, já que eles foram forçados a mudar para um país com uma língua diferente e costumes diferentes. Agora seu pertencimento passa a ser de um grupo dentro da sociedade brasileira. Essa redução também pode ser vista em relação a sua cultura, a partir daquele momento os africanos se encontram em uma sociedade que não e dividida por etnias, o pertencimento a um grupo social passa a ser outro, o individuo passa a ter uma posição mais importante. Com isso:

Quando as estruturas sociais foram dissolvidas pela escravidão, os antepassados perderam seu lugar privilegiado no culto, sobrevivendo marginalmente no novo contexto social e ritual. As divindades mais diretamente ligadas às forças da natureza, mais diretamente envolvidas na manipulação mágica do mundo, mais presentes na construção da identidade da pessoa, os orixás divindades de culto genérico, essas sim vieram a ocupar o centro da nova religião em território Brasileiro.¹¹

¹⁰SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES: Sociabilidades religiosas, ritos e identidades, 11, 2009, Goiania-GO. SANTOS ,Thiago Lima dos. A história e a construção da identidade religiosa afro-brasileira. ISBN978-85-7103-564-5.p2.

¹¹ PRANTI, 2006 p. 96 apud SANTOS ,Thiago Lima, 2009 p.4

Assim o desenvolvimento dessas religiões dentro desse novo contexto foi influenciado por diversos fatores, e essas novas relações sócias se tornaram o enfoque da religião afro-brasileira. Mesmo com a perda de alguns elementos religiosos, houve adaptações e surgiram novos elementos teórico-religiosos, principalmente com o sincretismo, que fizeram com que esses cultos religiosos se fortificassem.

2.1. Raiz histórica da pajelança.

Por certo, estudos historiográficos que tratam do tema da cura nas religiões afro-brasileiras, se mantêm em sua maioria regionalizados, destacando-se trabalhos sobre a pajelança na Amazônia, Maranhão. Iniciarei tratando um pouco das pesquisas feitas na Amazônia e suas revisões, segundo Mario de Andrade “outra zona em que inesperadamente o africano colabora muito e a feitiçaria brasileira, é na Amazônia, onde o culto dominante e chamado de pajelança”¹². De acordo com Cordeiro, 2014 não há muitas pesquisas acadêmicas sobre as praticas tradicionais de cura na Amazônia, ele cita em seu artigo alguns trabalhos a pajelança e a umbanda¹³ que tem ajudado a manter de certa forma vivas as tradições populares de cura.

Nina Rodrigues (1894)¹⁴ em seu tratado sobre *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* fez com que houvesse uma grande homogeneidade de uma imagem irreal sobre a Amazônia. Nessa imagem que ele construiu não havia uma grande parcela de negros que justificasse a participação da cultura negra na cultura regional amazonense. Com isso os estudos nos permitem sondar que houve uma negligencia em relação a influencia da cultura africana nas praticas populares de cura na Amazônia.

Assim, sobre esta perspectiva sobre os estudos acadêmicos sobre as religiões de matriz afro-brasileira em destaque a pujança, mencionamos a abordagem de Galvão (1955)¹⁵, a qual considera que há a construção de dois conceitos o de pajelança e o de pajé, já que na Amazônia existia uma área cultura de matriz indígena, e dentro dela havia uma influência de

¹²REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLÓGIA, 29, 2014, Natal-RN. CORDEIRO, Maria A. de S., Pajelança e Babassuê: as faces do Xamanismo amazônico no final do século XIX .p.10.

¹³Chester Gabriel⁴ (1980) que, a despeito de ter como foco a umbanda em Manaus/AM, estudou a pajelança dentre os outros cultos, e, mais recentemente, Schweickardt (2002), França (2002), Fraxe (2004), Trindade (2006), e Araújo (2008) estudaram a atuação das *benzedoras* e outros agentes de cura na zona urbana de cidades do estado. CORDEIRO, 2014 p.2

¹⁴RODRIGUES, R. N. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011, 95p. ISBN 978-85-7982-075-5

¹⁵GALVÃO, E.E.G. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. Companhia Editora Nacional, 1955.

matriz ibérica, e africana, porém como na análise de Nina Rodrigues a matriz africana também não tinha grande influência na cultura amazônica. Esses estudos fizeram com que a pajelança ficasse legada como a religião do cabloco¹⁶, desmerecendo a influência da matriz africana.

Para escrever sua obra Galvão (1955) se embasa na escola do culturalismo¹⁷, por isso em seu trabalho ele procurou mostrar os discursos e representações das manifestações religiosas das comunidades do interior da Amazônia. Segundo ele a pajelança é um conjunto de práticas mágicas baseado principalmente no poder dos pajés, que utilizavam da “feitiçaria” para curar as doenças.

Um dos primeiros trabalhos que começou a discutir a presença de cultos afro-brasileiros na pajelança foi a obra de Alvarenga (1950), ela inicia seus estudos em Belém tendo como fonte os relatos do pajé Satiro Ferreira de Barros, e ele afirmou que existiam três linhas de culto africano em Belém: a cambina, a nagô e a jeje que chamava o batuque de tambor de mina. A autora destaca em sua pesquisa que mesmo que o pajé Satiro recebesse espíritos de velhos índios, ele também cultuava voduns jeje,¹⁸ isso permitiu analisar que havia outro elemento além do indígena, havia elementos africanos na pajelança amazônica.

Comparando os trabalhos de Alvarenga e de Galvão podemos encontrar alguns pontos em comum dessas manifestações religiosas, o primeiro e o mais importante e que elas tem como ponto essencial a prática de cura, nos dois casos o pajé é visto como líder espiritual essencial para a cura do doente. A diferença principal é enquanto a matriz de referência: uma africana e a outra indígena.

Porém essas práticas religiosas também pode ser analisado como parte de um discurso social. Por muito tempo o Babassuê e a Pajelança na Amazônia foram consideradas práticas religiosas distintas uma da outra, contudo com as novas pesquisas consideram os dois parte de um único discurso social de práticas religiosas: o Xamanismo, que acaba por enquadrar essas duas modalidades em um único discurso de cura. A perspectiva apresentada nos permite inferir sobre a contribuição desses autores para as pesquisas relativas à pajelança amazônica, é como isso contribuiu para a construção da imagem da pajelança cabloca.

Assim passarei a discutir como a pajelança se formou no Maranhão e como as duas localidades tem perspectivas parecidas. O Maranhão é um estado do Nordeste brasileiro que

¹⁶ Indivíduo com descendência indígena e Branca; qualquer mestiço de Índio.

¹⁷ É uma corrente da Antropologia que tem como premissa que uma certa cultura impõe um determinado modo de pensamento aos homens nela inseridos. Assim a cultura condicionaria o comportamento psicológico do indivíduo, sua maneira de agir e pensar.

¹⁸ Entidades trazidas pelos escravos africanos do reino de Daomé.

teve grande influencia do negro na sua formação cultural, principalmente no que consta as tradições religiosas como o Tambor de mina, terecô, umbanda e candomblé.

Diante disso, irei abordar a pesquisa de Ferretti (2011) que pesquisou a influencia da cultura indígena e negra na formação cultural e religiosa do maranhão. Para isso ele pesquisou a vida de Amélia Rosa uma forra de Alcântara que se denominava rainha da pajelança, e realizava rituais de cura. Ele utilizou como foco de análise as paginas policiais dos jornais dos anos de 1876 a 1878, a partir dos autos dos processo crime ele descobriu que Amélia Rosa utilizava em seu ritual “orações, benzimentos, velas acesas, defumação(com incenso, chifre queimando, pimenta e alfazema), fitas, folhas e folhas secas, aguardente; e preparava banhos de ervas.”¹⁹

Foi contrastado em sua pesquisa que Amélia Rosa foi presa varias vezes por sua pratica de curadora, as analises das paginas policiais comprovam que do final do século XIX ao inicio do XX, muitos curadores ou pajés foram perseguidos pela policia. Uma forma encontrada pelos pajés e curadores foi se filiar as federações de umbanda ou assumir identidades de mineiros.²⁰Essa mudança de identidade serviu como forma de defesa já que o curandeirismo era considerado crime contra a saúde publica, segundo o artigo 284 do código penal de 1940:

Exercer o curandeirismo: I- prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente qualquer substancia; II- usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III- fazendo diagnostico. Pena- detenção de seis meses a dois anos. Parágrafo único_ se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito a multa, de um a cinco contos de reis. Decreto-Lei n° 2848, Artigo 284- de 7/12/1940, publicado no Diário Oficial de 31/12/1940.²¹

A repressão aos pajés e curandeiros, levou aos seus praticantes a se afastar das grandes cidades ou ate assumir outras identidades religiosas para manter seus cultos. Nos últimos anos com uma maior abertura religiosa e o movimento de florescimento da cultura e religião afro brasileira, e a valoração do movimento negro no Brasil levou a uma abertura e aceitação dessas religiões e do saber popular. A academia foi responsável por boa parte dessa divulgação, com a publicação de trabalhos que valorizam a cultura negra nas regiões do nosso país.

¹⁹ FERRETTI, Mundicarmo. Pajelança e cultos afro brasileiros em terreiros maranhenses. Revista pós Ciências Sociais. v. 8 n.16 São Luis- MA, 2011.p.5

²⁰ Mineiros era a denominação usada para os praticantes do Tambor de Mina.

²¹ MAGGIE, 1992, p.285 apud FERRETTI, 2011 p. 5

2.1.1 Plantas que curam

A cultura africana trouxe importantes contribuições para a formação do Brasil, uma das mais relevantes a esse trabalho e a do conhecimento das ervas, o contato com a população indígena e européia, forneceu um amplo legue sobre o saber das folhas medicinais. Tendo em vista que os principais fundamentos das religiões de matriz africana e o conhecimento e o uso das folhas e ervas, os negros vindos da África encontraram no Brasil uma terra fértil, com isso conseguiram cultivar as plantas essências de seus orixás.

Os terreiros se formaram como um lugar aonde a memória africana passa a ser preservada, até por que era necessário que os descendentes africanos se sentissem pertencentes a um grupo social e a partir da religião eles conseguiram criar uma identidade social a partir da preservação de algumas tradições africanas. Para participar desses espaços sagrados há todo um ritual que começa na maioria das vezes na preparação das ervas ou folhas para a defumação.

Percebe-se que a tradição exige um cuidado todo especial ao recolher as plantas, prefere-se buscá-las pela manhã, quando ainda estão orvalhadas, evitando as ervas que ficam próximas a estradas, a não ser as folhas de exu, que só podem ser usadas aquelas da rua, da estrada. Segundo babalorixá Cely, as folhas de exu são sempre recolhidas na rua por ser esse orixá dos caminhos, aquele que abre e também fecha as estradas.²²

Diante desse relato podemos entender que as folhas pertencem aos Orixas é Exú, podemos ver a relação de respeito com quem é responsável por colher as ervas, o ato de pedir licença mostra que o homem não é senhor da natureza e mostra que existem energias presentes na terra que merecem respeito.

A literatura antropológica reconhece a importância da religião para os tratamentos de doenças e ainda faz uma comparação com os serviços oferecidos pela medicina oficial, “enquanto o médico despersonaliza o doente (Taussing, 1980), o tratamento religioso visa agir sobre o indivíduo como um todo, reinserindo-o como sujeito em um novo contexto”,²³ esses trabalhos antropológicos foram essenciais para entender como essas terapias religiosas funcionam, e como os estudos sobre as religiões e a cura tem contribuído para analisar a realidade social das comunidades pesquisadas.

²²ENCONTRO DE ESTUDOS MULTICLIPLINARES EM CULTURA, 6, 2010, Salvador-Ba. BOTELHO, Pedro Freire. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira. p.3.

²³RABELLO, Miriam, C. Religião, ritual e cura. In: ALVES, P.C. e MINAYO, M.C.S., orgs. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8.

As pesquisas da etnobotânica auxiliam no resgate dos conhecimentos das populações tradicionais no uso das plantas medicinais, principalmente na região do Amazônia, que tem uma grande diversidade de flora e fauna. As principais fontes dessas pesquisas são nos estudos dos curandeiros e benzedores, que utilizam as plantas para o tratamento terapêutico-medicinal, ou na fabricação de amuletos e simpatias.

Esse conhecimento das plantas para o preparo de tratamentos relacionados à cura, dependem do motivo de cada pessoa, ele pode ser feito de diversas formas como chás, garrafadas, emplastos, xaropes, banhos e etc. De acordo com Galvão (1955) “faz-se uso de todas as ervas e plantas conhecidas no local, e que são combinadas sob várias fórmulas e aplicações, a utilização desses conhecimentos depende de uma vasta experiência individual.”²⁴ Assim a utilização de plantas da medicina popular podem curar várias doenças ou proteger de mau-olhados, a tabela²⁵ abaixo mostra algumas plantas que são utilizadas na pajelança da Amazônia como símbolos das práticas locais de cura.

Nome Popular	Nome Científico	Indicação
Amapá	<i>Parahancornia amapa</i>	Tosse, Tônico
Buiuçu	<i>Ormosia Coutinho</i>	Gastrite
barbatimão	<i>Strynodendron adstringens</i>	Cicatrizante
Pirarucu	<i>Bryohyllum pinnatum calicinum</i>	Tratamento de garganta e hematomas
Tamaquaré	<i>Caraipa densifolia</i>	Faz simpatia para homem ficar pateta, e bom para trazer sorte nos negócios.
Espada de São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i>	Proteção da casa, e etc.
Sucuúba ou Sucuba	<i>Himathanthus sucuuba</i>	Inflamações uterina, gastrite
Verônica	<i>Dalbergia subcymosa</i>	inflamações
jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Cicatrizante
Unha de gato	<i>Uncaria guianensis</i>	Anti-inflamatório, tônico
Erva-doce	<i>Pimpinell anisum</i>	Dor de estômago

²⁴ SIMPOSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 13, 2012. São Luiz- MA .SILVA, Dayana D. da S.; FRANÇA, Ednara C. O. Plantas que curam: eficácia na religiosidade popular. p.6. Disponível em: < <http://migre.me/vRidk>>. Acesso em 09/01/2017

²⁵ Tabela retirada do Artigo: SIMPOSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 13, 2012. São Luiz- MA .SILVA, Dayana D. da S.; FRANÇA, Ednara C. O. Plantas que curam: eficácia na religiosidade popular. Disponível em: < <http://migre.me/vRidk>>. Acesso em 09/01/2017.

Considerações Finais:

Nesse artigo apresentamos uma breve análise das práticas de cura da religião da pajelança, e seus sub-casos na Amazônia e Maranhão. Nosso principal objetivo foi construir uma análise dos dois casos e comparar como as crenças de matriz afro-brasileiras estão inseridas tanto na Pajelança ou Babassué na Amazônia como a Pajelança e o sincretismo no Maranhão. Compreendemos que a década de 80 foi essencial para academia no quesito de novas pesquisas antropológicas no campo das religiões afro-brasileira, pois houve um fortalecimento de pesquisas relativas principalmente a novas tendências de escolas como culturalismo e recentemente com pesquisas ligadas a negritude e a valorização da cultura afro-brasileira.

O discurso encontrado nas pesquisas, principalmente as que enfocam na presença de uma matriz afro-brasileira na pajelança transmitem uma idéia de transformação social ou discurso social presente nessas religiões qual praticam a cura através das ervas medicinais. Principalmente por se opor a medicina tradicional, em algumas localidades, mais especificamente no Amazonas o médico popular ou pajé é uma figura que carrega mais importância simbólica do que um médico formado em qualquer universidade.

Os vários elementos que constituem a cultura brasileira, são herança da vasta miscigenação que se deu a partir das junções das tradições europeias, indígenas e africanas culminou na grande diversidade religiosa e cultural. E essa diversidade foi essencial para a criação de novos modelos religiosos a pajelança e um exemplo disso, e ela levanta a importância de se preservar a natureza para a manutenção da saúde da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Robson Medeiros; LOPES, Marcelo. A cura nas religiões: uma visão histórica panorâmica. *Religare*, v.11, n.2, p.296-316, 2014.

ALVES, P.C, e MINAYO, M.C.S., orgs. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8.

_____, MAUÉS, R.H, Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia p.76. In: ALVES, PC., e MINAYO, MCS., orgs. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994

BASTIDE, R. As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo, Editora Pioneira 2v. v.1, 1971.

BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império. - 4 ed. Belo Horizonte: Autentica 2003

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____, HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 34, 2010, Caxambu-MG. SOUZA, Wallace Ferreira de; SOUZA, Maria do Socorro; LIMA, Marileuza Fernandes de. Um corpo que fala: a percepção da saúde / doença nas religiões afro-brasileiras.

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTICLINARES EM CULTURA, 6, 2010, Salvador-Ba. BOTELHO, Pedro Freire. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira.

GALVÃO, E.E.G. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. Companhia Editora Nacional, 1955.

MELLO, M. L. B. Práticas terapêuticas populares e religiosidade afro-brasileira em terreiros no Rio de Janeiro: um diálogo possível entre saúde e antropologia. 2013, p.1-136. *Religião e Medicina*. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (FIOCRUZ), Rio de Janeiro.

MELO, M. L; OLIVEIRA, S. S. Saúde, religião e cultura: um diálogo a partir de práticas afro-brasileiras. *Saúde Soc.* São Paulo, v.22, n.4, p.1024-1035, 2013.

MOURA, C. História do Negro Brasileiro. Editora Atica. São Paulo, 2 ed. 1992.

NETO, F.R; RIVAS, M. E. M; ROCHA, Y. T Ervas nas religiões Afro-Brasileiras. *Revista triplov de Artes, Religiões e Ciências*. Nova Serie nº28, jun. 2012 <<http://migre.me/vCAc6>>. Data de acesso: 25 nov.2016.

FERRETTI, Mundicarmo. Pajelança e cultos afro brasileiros em terreiros maranhenses. *Revista pós Ciências Sociais*. v. 8 n.16 São Luis- MA, 2011.

FRANÇA, E.C. O; SILVA, D.C da S. Plantas que curam: eficácia simbólica na religiosidade popular. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/396/433>>. Acesso em 26 nov. 2016.

REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29, 2014, Natal-RN. CORDEIRO, Maria A. de S., Pajelança e Babassuê: as faces do Xamanismo amazônico no final do século XIX

RODRIGUES, R. N. As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011, 95p. ISBN 978-85-7982-075-5

SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIOES: Sociabilidades religiosas, ritos e identidades, 11, 2009, Goainia-GO. SANTOS, Thiago Lima dos. A história e a construção da identidade religiosa afro-brasileira. ISBN978-85-7103-564-5.

SIMPOSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIOES, 13, 2012. São Luiz- MA. SILVA, Dayana D. da S.; FRANÇA, Ednara C. O. Plantas que curam: eficácia na religiosidade popular. Disponível em:< <http://migre.me/vRidk>>. Acesso em: 09/01/2017.

SOUZA, Laura de Mello. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo: Cia das Letras, 1986